



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

A SACERDOTISA DE MAIORAL

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna [da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus.*

tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁶

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiares, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atrai e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluido da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁷

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁸

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.⁹

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹⁰

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da

⁶ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁷ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁸ Antônio Maria Ramalhe, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

⁹ Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

¹⁰ Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹¹

¹¹ José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

A SACERDOTISA DE MAIORAL



[Nota: texto em resposta a indagações feitas por um aluno do *Curso de Filosofia Oculta* e por dois seguidores do Site Filosofia Oculta: *A Quimbanda se difere do culto dos Orixás no sentido de que não utiliza as forças da natureza para alcançar os objetivos e desejos do feiticeiro, mas o poder ancestral do mundo dos mortos. O que eu não entendo é que um dos Reinos da Quimbanda é o Reino das Matas onde se trabalha com espíritos ancestrais de índios e xamãs, além de ter muita magia natural nos assentamentos e feitiços. Em que sentido não se usa dos poderes da natureza para alcançar os objetivos dos feiticeiros? Pois o poder dos mortos acaba se desdobrando aqui no plano da natureza, não? Outra dúvida, baseada no seu último texto, por que a Quimbanda não manteve essa interpretação da Grande Creatrix ou Deusa como uma representação da força maior de Maioral? Por que que a Quimbanda na maioria dos seus seguimentos não trabalha com esse aspecto da Deusa?*

Nós nos acostumamos a vê-lo como um expoente de Thelema no Brasil, lia seus posts e vi alguns dos seus vídeos, cujo conteúdo, fazia-me lembrar o manifesto «Chamando os Filhos do Sol». Eis um desses filhos se manifestando. Pensei. E estava certo, agora, o senhor descortinou ou começou a fazê-lo, expondo os símbolos sagrados da Quimbanda. Novamente cheio de propriedade abriu um novo campo de pesquisa. Sabemos que em Thelema podemos encontrar os novos ritmos do Novo Aeon, e em suas bases as linhas mestras dessa transfiguração dos dogmas. Entretanto, o senhor como de costume, trouxe as bases da Quimbanda e elevou-as a categoria de alta ciência com brilhantismo como lhe é peculiar. Minha pergunta jovem mestre é: Como poderemos fazer uma leitura de unidade entre Thelema e a Quimbanda? Em suma, em quais os pontos essas bases convergem?

Fernando, eu comprei todos os seus livros sobre magia sexual thelêmica. Aquelas crônicas da OTO me responderam muitas dúvidas sobre a magia sexual dessa ordem. Eu vi você recentemente usando o termo «Sacerdotisas de Maioral» lá no grupo do WhatsApp. Eu fico pensando: existe alguma relação desse conhecimento que você tem de magia sexual com essa sua nova escolha de caminho, a Quimbanda? Existe magia sexual na Quimbanda?

O *Curso de Filosofia Oculta* é um seminário on-line permanente na internet. Nele estudamos a *tradição da magia* desde seus primórdios até os dias de hoje, buscando encontrar o Fio de Ariadne que subjaz as inúmeras tradições e cultos verdadeiramente mágicos. No CFO fazemos uma imersão na magia, passando pelos cultos de mistérios na Antiguidade a magia brasileira de mão esquerda, a Quimbanda, encontrando traços que conectam o feiticeiro de hoje com o feiticeiro do passado.]



As indagações acima de um aluno do *Curso de Filosofia Oculta* e as últimas, com introdução, de leitores do Site Filosofia Oculta, dão um fôlego extra para aprofundar o tema dos segredos espirituais da tradição de Quimbanda. Eu incluo esse texto-resposta entre os artigos relacionados a construção do livro *O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO*, que está sendo publicado aos poucos no Site Filosofia Oculta. O estudo da tradição cipriânica de magia em um momento nos leva as fundações do Culto de Exu no Brasil, a tradição de Quimbanda. Eu pretendo publicar todos esses artigos no segundo volume do *DAEMONIUM*.

1. Cultura Kimbanda, Tradição de Quimbanda, Magia Natural, Exus e Orixás

Duas tradições têm profunda influência na formação do Culto de Exu no Brasil: a cultura kimbanda BaCongo do Norte da África e a cultura Yorubá do Sul do Saara. Na tradição do *povo kimbanda* da África adora-se Nzambi (o Uno-Deus criador), os Nkisis (espíritos

da natureza comparados aos Orixás) e os Ngangas (espíritos ancestrais de antigos xamãs, feiticeiros, alquimistas e curandeiros bantus). Os Ngangas, em vida, cultuavam os Nkisis. Na mitologia yorubá os Orixás são espíritos/forças/poderes da natureza e dentre eles existe o Exu Orixá, o primogênito, nascido antes de todos eles e a força pela qual foi possível que todos os outros Orixás fossem criados, o mensageiro entre os homens e os deuses. Na formação do Culto de Exu no Brasil, o conceito ou ideia de Nganga da cultura kimbanda foi sincretizado com o Exu Orixá da religião yorubá, com os encantados e pajés da cultura tupí-guarani e com a iconografia demonológica da feitiçaria popular ibérica (tradição cipriânica). Em um segundo momento, na década de cinquenta, os Exus e Pombagiras que nasceram deste sincretismo mágico foram comparados a demônios. Essa demonização pejorativa já existia desde o início, de fato: por um lado, internamente a ideia de se separar o culto aos ancestrais (Eguns) do culto aos Orixás vem da própria religião de Yorubá, o que levou ao menosprezo deles; por outro lado, ao assumirem a iconografia e postura adversária da demonologia ibérica, os ancestrais foram diabolizados e marginalizados pela Igreja Católica, que condenava qualquer culto ameríndio-bantu como orgiásticos e hedonistas. O próprio Exu Orixá veio demonizado da África por conta dos primeiros pregadores e antropólogos cristãos a chegarem no continente. Foi nesse contexto que nasceram as primeiras tradições ou cultos sincréticos do fim do Séc. XIX e início do Séc. XX: o Calundu, a Macumba e a Cabula. É destes primeiros cultos que nasceram as tradições de Umbanda, Quimbanda, Catimbó e Candomblé no Brasil.

A tradição de Quimbanda deu ênfase, portanto, no conhecimento e conversação com os espíritos ancestrais, os Poderosos Mortos nomeados de Exus e Pombagiras. *É através destes espíritos ancestrais poderosos* que os feiticeiros-kimbanda têm acesso as forças/poderes/espíritos da natureza. A questão aqui é muito simples de ver: Exu de Quimbanda é um espírito ancestral sincretizado com Exu Orixá, mensageiro e intermediário entre os homens e os deuses (ou deidades, espíritos da natureza diversos). É *por meio* do Exu Pessoal (Tutor/Guardião) ou dos Exus e Pombagiras que o feiticeiro se comunica com os espíritos da natureza. Como o *paredros* dos feiticeiros dos papiros gregos, são os Exus e Pombagiras a *fonte por trás* do poder e da magia do feiticeiro-kimbanda. Ao arriar uma oferenda no Reino das Matas, o feiticeiro pede licença ao Exu *loci* do local, o espírito ancestral que mora naquela zona de poder e que gerencia as forças espirituais daquele lugar, quer dizer, os espíritos da natureza que ali estão. Ao produzir um banho de descarrego, energização ou praga, o feiticeiro-kimbanda *através* de seu Exu Guardião manipula as forças/poderes/espíritos das ervas, acionando suas virtudes mágicas. Então o feiticeiro-kimbanda opera sim com as forças da natureza, *por meio* dos Exus e Pombagiras; frisando: *por meio* do Exu/Pombagira Pessoal.

Como venho expondo, a tradição de Quimbanda ainda é muito jovem, tendo pouco mais de cinquenta anos. Trata-se de uma criança recém-nascida que vem aprendendo a dar os seus primeiros passos. Os Reinos de Quimbanda têm se expandido, podemos ver em larga escala. Diferente da Umbanda que iniciou seu trabalho as claras luzes do dia, a Quimbanda foi gerada nas sombras, mantida oculta até os dias de hoje. Daí dizer, romanticamente, que é uma genuína tradição noturna, sombria; por conta disso, permanentemente escondida secretamente porque tudo que está na escuridão não aparece as claras. Até hoje os Terreiros de Umbanda mantêm uma Cáfua de Exus escondida. No

entanto, os Exus e Pombagiras da Cáfua de Umbanda querem sair de dentro dela e tomar conta do Terreiro. Um Terreiro de Quimbanda é um Templo dedicado ao Culto de Exu. Em um Templo dedicado ao Culto de Exu eles saem da Cáfua e assumem a *chefia* da Casa, do *Chão de Quimbanda*. Em processo de expansão, os Reinos de Quimbanda têm recebido novos Exus e Pombagiras em suas Falanges, almas deificadas e que se tornam Mestres e Guias espirituais dos feiticeiros-kimbanda.

2. Maioral de Quimbanda & a Grande Creatrix

Acima nós vimos que em um segundo momento da gênese da tradição de Quimbanda, por volta de 1951, nasceu a ideia de Maioral inspirada no Diabo e a tentativa de se estabelecer uma equivalência entre Exus/Pombagiras e os demônios de um grimório de feitiçaria moderno do Séc. XVIII: o GRIMORIUM VERUM. Isso deu nascimento a uma miríade de tradições de Quimbanda no Brasil, interpretações diversas dessa ideia apresentada por Aluizio Fontenelle em sua obra EXU.

O Maioral de Quimbanda apresentado por Fontenelle foi baseado em uma interpretação *profana e não-iniciática* de Diabo, uma criatura marginal estigmatizada como fonte-última da maldade, crueldade, animosidade, egoísmo e que ele compara ao Baphomet de Eliphaz Levi em uma forma diabolizada do poder da Natureza. A interpretação de Levi sobre Baphomet já era equivocada e Fontenelle, inspirado nele, reenfatiza as mesmas interpretações equivocadas que o mago cristão produziu. Como demonstrei no artigo anterior, a *deusa* Baphomet é uma *Legião* de símbolos e glifos da Grande Creatrix, o buraco negro/útero/caverna da Terra em um culto vastamente antigo que desapareceu nas brumas do tempo. Esse buraco negro e fonte primordial, essa escuridão noturna foi tipificada por deusas matriarcas como Taurt, Tiamat, Qutesh, Asherah, Kālī, Nuit, Hathor, Sefekh, Ishtar, Inanna, Serqet etc. Essas deusas tipificam a escuridão e as sombras e eram adoradas como a Fonte Primordial de tudo o que existe. É neste contexto da Grande Creatrix, portanto, que vamos encontrar o verdadeiro simbolismo de Maioral como Trono/Fonte/Útero dos Reinos de Quimbanda e Legiões de Exus e Pombagiras.

A grande maioria das codificações de Quimbanda no Brasil operam com Maioral na interpretação de Fontenelle. No entanto, há grupos que estão jornando mais profundamente no reino das sombras e buscando o significado primordial de Maioral. Existem também codificações de Quimbanda que não trabalham com Maioral, mas com os Nkisis/Orixás como orientação suprema. A tradição de Quimbanda do *Terreiro/Templo Cova de Cipriano Feiticeiro* jorna nos abismos da noite para buscar a *fonte primordial* por trás do símbolo e poder de Maioral.

3. Thelema & Quimbanda

O meu texto *Os Poderosos Mortos*, publicado em português e inglês no Site Filosofia Oculta, sana completamente essa questão ao olhar mais atento.

Rapidamente: Thelema se resume a um misticismo de cosmovisão idealista. Não há magia em Thelema, mas uma *forma moderna* de se interpretar magia, a *psicurgia*, que tem mais efeito na transformação da alma do que na transformação da realidade

(taumaturgia). Thelema está mais preocupada com a deificação da alma, equivocadamente chamada de *realização da grande obra*, do que com a transformação da natureza, muito embora a definição de Crowley sobre a magia diga o contrário. A Quimbanda, diferente de Thelema, oferece magia e misticismo em uma cosmovisão animista. Mais aparente, magia, de forma bem oculta e quase inexistente, misticismo. Mas ele está ali, mesmo que escondido. A convergência entre Thelema e Quimbanda ocorre no âmbito do misticismo/metafísico.

Em Thelema o magista se esforça por realizar a grande obra tornando-se um Chefe Secreto, quando conquista o Grau Espiritual de Nemo, tendo pulado e transcendido o Abismo. Um Chefe Secreto é uma alma ancestral iluminada, que se tornou mestre e guia da humanidade através da fórmula mágica de iniciação thelêmica. De modo semelhante, um feiticeiro-quimbanda almeja tornar-se um Exu, também uma alma ancestral iluminada que se tornou mestre e guia da humanidade através do processo místico de deificação que a tradição de Quimbanda oferece. Em Thelema e na Quimbanda o objetivo final é deificar (iluminar) a alma.

Metafisicamente, as noções que envolvem os deuses thelêmicos Therion e Babalon (Chokmah e Binah) e suas contrapartes físicas, o falo e a vagina (Hod e Netzach), estão muito próximas dos Exus e Pombagiras de Quimbanda, espiritualmente e fisicamente. É fácil traçar uma linha de equivalência entre Ishtar/Lilith/Babalon/Hécate/Pombagira e Therion/Hermes/Exu. Não é correto dizer, por exemplo, que Babalon e Pombagira são as mesmas entidades, mas que elas compartilham aspectos bem similares. O poder e vigor fálico de Therion são características indelévels de Exu; a sensualidade e empoderamento feminino de Babalon são traços presentes em Pombagira. Tudo o que contraria as religiões escravocratas.

4. A Sacerdotisa de Maioral

Deixe-me começar essa seção com a seguinte declaração: não existe em qualquer grupo ou codificação de Quimbanda a magia sexual ou giras orgásticas, eróticas. Existe profunda sexualidade e erotismo em Exu e Pombagira, mas não existem giras de Quimbanda com coito físico de qualquer forma. Dito isso, para que fique bem claro, podemos explorar essa sexualidade de Exu e Pombagira em considerações filosóficas e metafísicas.

Como disse acima, os poderes fálicos-solares de Therion (Chokmah/Tiphereth/Hod) estão em Exu e os poderes generativos-lunares (Binah-Netzach-Yesod-Malkuth) estão em Pombagira. Unidos esses símbolos, o glifo que os expressa corretamente é a imagem de Baphomet, convergindo nos poderes positivo, neutro e negativo de Maioral. Em um olhar astuto, todo o processo energético da Árvore da Vida e seus três pilares; todo processo energético da *kuṇḍalinī-śakti*, os *ṣaṭ-cakras* e as três principais *nāḍīs*. Assim seria correto dizer que Vossa Santidade o Chefe Império Maioral condensa e agrega toda Árvore da Vida, onde Exu percorre todos os caminhos; o trabalho da *kuṇḍalinī* despertando todos os *cakras* por onde Pombagira flui livremente.

O termo que utilizei, as *Sacerdotisas de Maioral*, se me lembro bem foi dentro do contexto de trabalho de nosso *Chão de Quimbanda*. No artigo anterior eu disse que Fontenelle esbarra nesse arcano de iniciação, quando faz uma conexão direta da imagem da Pombagira ao *Baphomet de Mendes*. A mulher como símbolo físico (Netzach) da Pomba-

gira (Binah) torna-se uma expressão última da deusa Baphomet, a imagem ou ícone de veneração de Maioral da Quimbanda. É neste sentido que as Sacerdotisas de Quimbanda representam e são as *Sacerdotisas de Maioral*. Dentro de um contexto bem específico.

Esse é um campo vasto para pesquisa e eleva a qualidade metafísica da tradição de Quimbanda.

Laroyê Exu é Mojuba!
Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório
Terreiro de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro
WhatsApp para consultas apenas: 24 9 9264 7825